A HORA E A VEZ DE RUBEM FONSECA: UMA LEITURA DE *CARNE CRUA*

THE TIME AND TURN OF RUBEM FONSECA: A READ OF *CARNE CRUZ*

Valdemar Valente Junior[1]

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo detecta elementos referentes à escatologia e à violência nos contos de Rubem Fonseca, tendo por base a coletânea *Carne crua*, de 2018, sua última obra publicada. Nesta obra terminal podem ser detectados os elementos que ao longo do tempo serviram para caracterizar o escopo de Rubem Fonseca, na condição de escritor que traz à luz do debate o espectro da violência que passa a ter efeito com o advento da industrialização do pós-guerra e o crescimento desenfreados dos centros urbanos brasileiros, estendendo-se durante a ditadura militar e chegando ao presente como uma espécie de forma incontrolável. Nesse sentido, *Carne crua* concorre como termo capaz de mimetizar essa situação tendo em vista o que hodiernamente se caracteriza como uma manifestação literária conhecida como hiper-realismo.

PALAVRAS-CHAVE: hiper-realismo; violência urbana; crítica social; crise política.

Introdução

Há bastante tempo a narrativa de Rubem Fonseca já apresentou seu cartão de visitas, recorrendo a elementos específicos que a caracterizam como retrato escatológico de uma sociedade em processo de transformação, mostrando-se como uma das primeiras representações do dilema brasileiro, no que tange à relação entre desenvolvimento econômico e atraso social. Nesse aspecto, podemos afirmar ser o conjunto de seus romances e contos uma expressão do impasse que nos separa de nós mesmos, uma vez que obras como *Feliz Ano Novo* (1975) e *O cobrador* (1979) catalisam a angústia inerente à condição de um país vitimado por sucessivos descompassos que contribuem para a perpetuação de um processo social que não avança de forma plena, refém de marchas e contramarchas que concorrem para o atraso que nos aprisiona. Nesse sentido, sua obra coloca em evidência u a legião de personagens emparedados entre o ser e o não ser, sem que à máxima shakespeariana se imponha a marca dos que vieram ao mundo para pontificar entre os vitoriosos. Diante disso, a opção do escritor por personagens refratárias ao sentido do que poderiam vir a representar

[1] Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estácio de Sá.

faz com que a isso corresponda o lugar próprio das figuras incompletas que compõem o cenário de sua narrativa.

Há que se pensar que sua opção pela escatologia presente em contos como "Feliz Ano Novo" e Passeios noturnos I e II" atinge o ápice da reclamação contra um sistema político que se caracteriza em sua ação devastadora, em face da censura contra a qual se fazia preciso encontra um modo de reagir. Assim, a retirada de *Feliz Ano Novo* do mercado corresponde à forma encontrada pelo sistema político em sua companha moralizante como atitude que se coaduna aos desmandos e arbitrariedades a que artistas e escritores são submetidos. A estratégia de Rubem Fonseca, bem como a de outros escritores, consiste em levar ao limite uma linguagem eivada de termos chulos que pudesse trazer à luz não apenas a expressão das ruas. Do mesmo modo, essa postura evidencia a violência em sua vertente mais desabrida, o que reitera o desconforto das massas diante da miséria e o confronto que caracteriza a luta de classes. Esse incômodo durou e teve um efeito significativo durante a ditadura militar, se que se verificasse qualquer processo de arrefecimento que desse lugar à abertura política, além do fato de que a questões sociais, mesmo em face do retorno à democracia, se mostram distantes de chegarem a um termo conciliatório. Nesse aspecto, a narrativa de Rubem Fonseca segue seu curso em razão do que sempre representou, uma vez que os temas que suscita, ainda que possam variar, têm comum o esgarçamento de situações que concorrem como expressões do hipertexto tão em voga no tempo presente.

Por essa via, pode ser pensada uma condição que se apresenta em sua originalidade, na medida em que cabe a Rubem Fonseca o lugar de escritor a manifestar os primeiros sinais de uma narrativa que concorre para estreitar a zero a distância entre a brutalidade hodiernamente visível e a reprodução desse mesmo universo em decomposição no âmbito da ficção. Em vista disso, seu pioneirismo estende-se ao longo do tempo, coincidindo com a chegada de escritores mais recentes, a exemplo de Luiz Alberto Mendes, Ana Paula Maia e Ferréz, que por meio de uma relação com o texto que se aproxima do que expressa sua proposta, apontam para a sucessão dos descaminhos que incidem no lugar incômodo que estende das relações sociais para a criação literária. Por isso, a profusão de temas que remetem ao crime e à transgressão diante das condições mais espúrias a que suas personagens são submetidas concorrem para que a sequências acabem postergados diante *de obras como A coleira do cão* (1965) e *Lúcia MacCartney* (1969), consagradas pelo cânone contemporâneo. Não entanto, há que se refletir acerca de sua produção menos emblemática, o que corresponde aos últimos anos de sua vida como leitura que em momento algum contribui para que a ela não corresponda uma parte bastante significativa a ser reconhecida no conjunto de sua obra.

Por essa razão, há que se pensar na continuidade de sua obra narrativa não poder limitar-se apenas aos clássicos que correspondem a tensão de um tempo de profunda inquietação na vida política do país. Em face do regime de exceção como um interdito que deu azo a uma tomada de posição, Rubem Fonseca traduz, por meio de sua obra, os conflitos decorrentes desse grave momento. Assim, o prosseguimento do que sua obra suscita não pode se apresentar como manifestações de um período datado, avançando no tempo, do mesmo modo que aprofundando sua relação com as imagens de um pais que, ao superar a crise política, não consegue dar conta da desigualdade social que chega até o presente. Mais que representar em sua escrita os dramas de uma sociedade injusta e desigual, Rubem Fonseca mostra-se interessado nos desvios de comportamento que levam a conflitos capazes de promoverem a desagregação de suas personagens, tornando-as retratos escatológicos de um país cuja representação de sua própria tragédia não consegue chegar a um termo. De um modo ou de outro, a dimensão crítica de eventos que se ampliam ao âmbito da narrativa são como imagens que se distorcem a um limite extremo. Isso concorre para que se perca a medida do descompasso social em todas as suas dimensões, o que contribui para afetar a existência de cada uma das personagens que cria.

Diante disso, recorremos, para efeito do presente artigo, à leitura de *Carne crua* (2018), última coletânea de contos por ele publicada que carrega consigo a dimensão precisa do que em sua obra representa o aprofundamento dos relacionamentos humanos levados ao limite extremo. A turbulência dos acontecimentos e seu descompasso, em vista de suas expectativas frustradas dão o tom do que em *Carne crua* se mostra como tema recorrente. A isso se adensa a violência de personagens que que se identificam com a crueldade, concorrendo para que a narrativa se apresente de acordo com o que sugere o conto que nomeia a coletânea. A isso corresponde um lugar que não tem como ser identificado por outros meios, uma vez que o transtorno que a todos atinge parece decorrer de uma epidemia social que tem origem na ganância de um sistema que visa apenas o lucro financeiro e a vantagem pessoal, em detrimento do que possa significar a condição humana em seu valor essencial. Nesse aspecto, os contos apresentados em *Carne crua* dão conta da continuação de uma proposta estética que não possui meios de retroagir, em vista do que há muito já se confirmara como um filão dos mais significativos. Por conta disso, há que se perceber de que modo a narrativa de Rubem Fonseca assimila a crueldade de um mundo no qual essa situação pontifica de modo ininterrupto, não havendo valor capaz de a ela se igualar, uma vez que em quase todas as ações são por ela regidas.

As condições que implicam no interesse do público leitor no que se refere à obra de Rubem Fonseca encontra ressonância no que *Carne crua* representa como etapa que se reafirma como tendência predominante. Nesse aspecto, o significado de seu último livro diz respeito ao que, de um modo geral, referenda um lugar específico do escritor que que recorre a uma escrita veloz para dar ao conto o sentido de uma contemporaneidade que por vezes se mostra em sua face mais cruel. O que resulta da escolha de temas plenos de violência, erotismo e irreverência consigna-se como experiência que se estende no tempo em função do que representa em seu significado, bem como no que se refere a epígonos que em sua obra possuem uma referência significativa. Assim, *Carne crua* consigna-se como etapa terminal de um estilo que parece não ter fim, haja vista a insistência de Rubem Fonseca em se preservar como escritor cuja obra segue um diapasão previamente estabelecido que se mantém como sua maior contribuição à narrativa contemporânea. Assim, o descompasso inerente às propostas contidas nesses contos são a forma mais adequada de se estabelecer uma relação mimética com um mundo que se mostra estranho a si mesmo, em razão do turbilhão de acontecimentos que concorrem para sua degradação gradual e sistemática.

Transgressão e violência

A presença da morte com requintes de violência e crueldade se mostram uma constante na obra de Rubem Fonseca, não havendo como isso possa deixar de se fazer representar em *Carne crua*, uma vez que a sequência de seus contos alterna situações que levam ao inesperado, na ocasião em que se evidenciam mortes planejadas e assassinatos a sangue frio. Diante disso, a dimensão escatológica do que em sua obra afirma tende a reforçar o que se apresenta com frequência, havendo um reforço significativo na dimensão do que se mostra como viagem sem volta. Os elementos envolvidos nesses contos podem ser identificados a partir dos desvios inerentes a seres que habitam uma zona fronteiriça entre a desrazão e o crime, não havendo, sob qualquer hipótese, a possibilidade de que se possa dirimir o que se apresenta em sua condição definitiva. A narrativa de Rubem Fonseca, cabe ser destacado, corresponde a uma posição definida que se confirma como quase um propósito, em vista da afirmação de uma ordem temática a que não se faz possível qualquer concessão que a faça rebobinar o carretel de sua história em favor de um abrandamento que incida na alteração das propostas que suscita:

> Se há uma recorrência temática na literatura brasileira contemporânea (como no cinema e em certa parte da música popular), esta é a violência nas grandes cidades.

> E não poderia ser diferente. Na América Latina, o tema divide hoje espaço com a chamada narrativa pós-ditadura, seja na literatura ou no cinema. Na verdade, uma questão tem muito a ver com a outra quando falamos de nossas sociedades. Falar, escrever e debater os dois temas implica tomar posições e politicar, de alguma forma, o discurso. (REZENDE, 2008, p. 93).

Por esse motivo, *Carne crua* coloca-se como obra que concorre com o que se impõe como tendência referente ao hiper-realismo que passa a ter espaços nas duas últimas décadas. Há que se pensar, por sua vez, na diferença significativa de sua obra com relação a um viés de escrita que dela se mostra bastante próximo. Isso corresponde ao fato de que a Rubem Fonseca não toca a condição de uma escrita que tenha por objetivo uma observação de cunho de denúncia. Isso corresponde à violência como um componente que diz respeito ao que cada personagem representa em sua essência, não correspondendo à presença de elementos estranhos à sua proposta narrativa. Por esse caminho, as personagens seguem uma dinâmica que lhes é própria, cabendo à natureza de cada uma determinar o que se consigna em sua ação específica. Por sua vez, o que poderia vir a representar uma espécie de contaminação do espectro social como situação capaz de determinar os rumos da narrativa, a exemplo do que se identifica em "Feliz Ano Novo", parece passar ao largo de sua abordagem, na maioria dos contos de *Carne crua*:

> É uma ação que simplesmente não considera a outra pessoa, ou melhor, a considera como uma coisa, numa relação em que o outro não fala e se torna um objeto. Ela não precisar ser necessariamente de ordem física, também se manifesta em seu aspecto psicológico, ou simbólico, em suas formas sutis e quase imperceptíveis (SOUZA, 2007, p. 47).

A sequência narrativa concorre para que se explicitem casos de assassinatos cometidos sob diferentes impulsos e motivos, não havendo como se possa justificá-los. Assim, a condição precípua desses crimes se origina, ao que tudo indica, na vocação inata que cada personagem de Rubem Fonseca possui no sentido de desejar o sofrimento e a morte do outro. Diante disso, pode ser constatada uma espécie de consciência de todas essas personagens ao mimetizarem o ser humano em sua dimensão mais abrangente. Nesse aspecto identifica-se um impulso primitivo que conduz ao desejo de aniquilamento dos demais. Por esse motivo, a narrativa coloca em evidência um tipo de consciência destroçada, o que se mostra nesses contos como uma exacerbação dos instintos mais perversos que habitam a interioridade humana. Essas punções podem subitamente vir à tona, ao se manifestarem por meio dos desejos mais espúrios que alguém possa vir a ter. a isso corresponde uma vontade interior para a qual os relacionamentos em sociedade, baseados na convivência pacífica acabam por ser evitados. No entanto esses estímulos interiores em

muitos casos não encontram limites, coincidindo com as vontades reprimidas que em *Carne crua* afloram ao serem colocadas em prática:

> Esta espécie de ultrarrealismo sem preconceitos aparece igualmente na parte mais forte do grande mestre do conto que é Rubem Fonseca. Ele também agride o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos – fundindo ser e ato na eficácia de uma fala magistral em primeira pessoa, propondo soluções alternativas na sequência da narração, avançando as fronteiras da literatura no rumo duma espécie de notícia crua da vida. (CANDIDO, 1989, p. 210).

O acesso à obra de Rubem Fonseca constrói a ideia de um mundo em que nos vemos, embora não tenhamos meios de admitir a possibilidade de virmos a ser como cada uma de suas personagens. Assim, a dilaceração das relações e das amizades, por conta da violência de que o escritor lança mão, corresponde a uma tendência que parece habitar não apenas as personagens de *Carne crua* como do mesmo modo a expressão do ser humano no âmbito de sua vida cotidiana. Diante disso, os ambientes onde se desenrolam as cenas de crueldade e violência se confirmam como uma espécie de palco no qual a ficção reproduz a realidade em sua dimensão mais absoluta. Isso diz respeito à relação que Rubem Fonseca visa estabelecer em sua escrita ao aproximar as partes opostas entre o real e o verossímil. A dimensão crítica referente a esses lugares dá conta de uma narrativa interessada não apenas em desvelar os escaninhos mais recônditos onde a natureza humana se refugia. Isso traz à luz seus instintos ocultos, como, do mesmo modo, constata a incapacidade que se reflete em suas personagens, no que diz respeito a não ser possível qualquer mudança de rumo que as possa libertar da tirania com o próximo a quem aprisiona e tortura:

> A principal hipótese de reflexão consiste em que, na contemporaneidade, haveria uma presença recorrente de narradores descentrados. O centro, nesse caso, é entendido como um conjunto de campos dominantes na história social –a política conservadora, a cultura patriarcal, o autoritarismo de Estado, a repressão continuada, a defesa de ideologias voltadas para o machismo, o racismo, a pureza étnica, a heteronormatividade, a desigualdade econômica, entre outros. O descentramento seria compreendido como um conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica. (GINZBURG, 2012, p. 201).

A capacidade de poder explicitar o que no âmbito da narrativa corresponde acerca do descaminho de um mundo que tem na violência uma moeda valiosa incide no modo por meio do qual cada conto articula sua possibilidade de atuar no inconsciente do leitor, refletindo uma realidade a que muitos insistem em negar. Por essa via, a narrativa coloca em questão um estado de coisas que parece fugir ao controle do escritor, uma vez que sobre seus contos as cenas de mortes e assassinatos se sobrepõem de forma ininterrupta, não havendo como se faça possível estabelecer um limite a esse fluxo contínuo. Há que se pensar que estes

são temas recorrentes ao longo da obra de Rubem Fonseca, levando-se em conta que os efeitos desses contos junto ao leitor diferem do período em que *Feliz Ano Novo* foi publicado em relação aos dias atuais. Isso diz respeito ao fato de que *Carne crua* potencializa a desproporção decorrente da violência como uma espécie de instituição da contemporaneidade, havendo com isso, uma normalização do que isso significa como um elemento que se ocupa de diferentes espaços na sociedade. Assim, a cada instante em que a leitura de *Carne crua* avança acrescenta-se ao texto outras possibilidades de interpretação da violência como um fenômeno que tende a expandir suas ramificações de modo progressivo:

> Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, acusando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 1989, p. 10).

A apropriação da violência como uma matéria prima primordial ao que na obra de Rubem Fonseca significa o entendimento acerca da contemporaneidade limita-se ao lugar que corresponde a um mundo sem olhos para enxergar a dimensão de até onde a condição humana pode chegar. A ordem das coisas, no exemplo de *Carne crua*, tende a sofrer duros revezes, em vista da desagregação correspondente a um fluxo de normalidade que subitamente pode vir a ser alterado em face da intromissão de elementos que parecem exteriores à narrativa, mas que a qualquer momento podem vir à tona, trazendo consigo uma enorme carga de opróbrio e violência. O resultado dessas situações, no âmbito da narrativa, concorre para a caracterização de um estilo que mimetiza o aspecto imponderável de uma sociedade a que Rubem Fonseca observa sob a ótica do aniquilamento que reitera a falta de expectativas em razão do que sua obra evidencia desde seus primeiros passos. Assim, os contos reunidos em *Carne crua* ampliam uma estética da violência que se dissemina sem que contra sua força se interponha qualquer impedimento, cabendo ao escritor aprofundar sua observação a esse respeito.

Crime e escatologia

A configuração dos diferentes ambientes explorados como cenários de ação em *Carne crua* corresponde à condição de uma obra que não possui meios de seguir por outro caminho, haja vista a escolha de Rubem Fonseca por elementos que desde o início se configuram em sua obra. Diante disso, o cenário de sua narrativa confirma não apenas o crime como prática que se banaliza coo do mesmo modo aprofunda o abismo onde chafurdam as personagens

combalidas ao extremo de sua dignidade. Nesse sentido, o desequilíbrio decorrente do que se constitui em narrativa tende a ocupar todos os espaços possíveis no âmbito de situações que se antecipam ao seu desfecho, uma vez que muitas histórias têm um final diferente das outras. Isso evidencia situações que convergem a um ponto de identidade que se mostra inegável. Assim, a relação dos contos de *Carne crua* com um dado de escatologia diz respeito a um termo para o qual não parece haver concorrência, uma vez que o estilo que Rubem Fonseca desenvolve se mostra único, ainda que a violência se apresente como um filão comum a vários outros escritores:

> O novo realismo, inaugurado por Rubem Fonseca, é caracterizado pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 54).

Ocorre que o sentido de ruína que se apresenta como argumento em *Carne crua* não tem como seguir outro percurso, na medida wu que, sendo a última obra publicada por Rubem Fonseca, não possui meios de vir a contrariar uma ordem que se mostra irreversível. A isso corresponde o apelo presente nesses contos, em vista da manutenção de uma linha de pensamento por vezes tangencia o conto policial. A essa observação pode ser acrescida a vocação de um escritor que mesmo em face desse filão da narrativa não tem meios de ser definido em razão de uma única tendência. A caracterização de um texto que tem por princípio o aprofundamento de uma visão acerca crueldade humana corresponde a uma tendência que se manifesta como uma escola a ser seguida por escritores de diferentes estilos. Isso concorre para o surgimento de uma tradição contemporânea que se corporifica em razão de uma realidade que se amplia nas décadas de 1960 e 1970, chegando ao seu ponto máximo nas duas primeiras décadas do século XXI. No transcurso desse tempo confirma-se uma característica que tem em Rubem Fonseca uma referência significativa, não havendo como se faça possível estabelecer uma rivalidade em relação aos demais:

> O tipo de representação da violência consolidada por Fonseca, com seu estilo característico, que, entre outras coisas, absorve o antigo coloquialismo do submundo, em uma versão chula e descarnada, revela uma crueza sem compaixão em relação ao homem, até então inédita na ficção brasileira (PELLEGRINI, 2008, p.184).

A mediania que caracteriza parte dos epígonos de Rubem Fonseca não se mostra capaz de se expandir, em vista da enorme superioridade de sua obra sobre a maioria dos que o tentam imitar. Isso limita-se a um estilo que supera a condição específica do hipertexto como

proposta comum ao clima cultural da contemporaneidade para se impor como um fenômeno literário que se mostra visível a olhos nus. A fotografia que ilustra a edição de *Carne crua* expõe uma embalagem de carne com uma etiqueta cm código de barras, do modo como pode ser comercializada nas gôndolas dos supermercados oferece a dimensão do aspecto escatológico, configurando o crime em sua condição plena. Nesse sentido, a sucessão dos assassinatos em *Carne crua* funciona como mero detalhe, uma vez que a morte atua de modo a promover uma limpeza moral, proporcionando um espetáculo com requintes de sadismo. O halo de perversão que envolve sua personagem se consolida como postura que as isenta de culpa diante dos atos praticados sem redimi-las, no entanto, da representação que o crime tem como significado:

> Há os que submetem percepções e lembranças à luz da análise materialista clássica, dissecando os motivos, em geral perversos, dos comportamentos de seus personagens que ainda trazem a marca de tipos sociais. É o caso de Rubem Fonseca, que vem dos anos 60 e demonstrou força e fôlego nas páginas cruéis (BOSI, 2007, p. 436).

A partir de *Carne crua* pode ser identificada uma relação de suas personagens com as que Rubem Fonseca cria em obras anteriores, o que concorre para que se possa observar uma proximidade que estabelece regras definidas ao que se apresenta como cerne de seu pensamento crítico e seu projeto estético. Nesse sentido, o escritor mostra-se seguro do papel que desempenha, sem transigir em nenhum momento às características que determinam as escolhas que estabelece. O resultado desse investimento pode suscitar situações narrativas que se relacionam com as diferentes expressões do crime, do mesmo modo que com a degradação social. Nesse contexto, as transgressões do corpo e as manifestações de nojo aspectos que induzem a uma escrita que, em razão de seu êxito, permanece como marca representativa da narrativa contemporânea. A dimensão crítica dessa escolha aproxima-se da observação acerca de um momento de crescimento econômico que concorre para a alteração do *modus operandi* brasileiro, na ocasião em que são registradas mudanças em seus centros urbanos:

> Ao contrário, os contos não fazem nenhum apelo político ou ideológico de esquerda, como é a tradição de boa parte da nossa literatura contemporânea, socialmente compromissada desde os anos 30. Em Rubem Fonseca, o caminho é diferente: ele prefere expor, de maneira direta e crua, o afloramento da violência social nos grandes aglomerados urbanos. (LAFETÁ, 1999, p. 130-131).

A incorporação de termos e situações pouco usuais concorre para que *Carne crua* seja como um coroamento em relação aos vinte e nove livros que lhe antecedem, chegando ao

presente em condições de vir a concorrer como termo essencial da narrativa contemporânea. Isso se efetiva como resultado do estágio de desenvolvimento industrial que toma de assalto a sociedade brasileira, aliando-se a isso o transe representado pelo golpe militar. O aspecto referente à incorporação da violência como marca que se expande consigna-se na narrativa de Rubem Fonseca uma condição que se repete sem que a isso se imponha qualquer perda de valor, sendo essa a maior possibilidade de representação de sua obra. Essa condição chega até *Carne crua*, seguindo à risca os propósitos definidos que permeiam os rumos de até onde sua narrativa pretende chegar. Por essa razão, o limite extremo do que a isso corresponde contribui para que seja transposta a barreira de uma linguagem que não possui meios que lhe possam estorvara possibilidade de funcionar por sua conta e risco:

> Desde os primeiros livros até os mais recentes, pode-se dizer que, em suas diferentes manifestações, é o homem prisioneiro de valores esvaziados, condenados, e numa busca inútil, o eterno personagem de Rubem Fonseca. Daí a recorrência na obra do autor daqueles seres suspensos no nada, mergulhados num estado de orfandade e que, por isso vagam sem lei, sem identidade fixa, desafiando a lógica e a psicologia. (FIGUEIREDO, 2003, p. 20).

O que se mostra como um caminho sem volta, em razão do que a narrativa de Rubem Fonseca passa a significar, encontra em *Carne crua* a condição essencial de uma escrita que se constrói a partir de objetos coletados aos destroços de uma sociedade que se pretende moderna ao tempo em que não consegue superar as marcas de um atraso secular que insiste em permanecer como regra absoluta. Desse modo, a carga de opróbrio depositada sobre um contexto que transforma vítimas em algozes decorre do descompasso na ordem capitalista em um país de economia dependente que se move com extrema dificuldade. Isso concorre para o estabelecimento de divisões profundas entre o processo de civilização e o implemento da barbárie. O ato específico que caracteriza a morte possui em *Carne crua* a materialização do que se tem como expressão referente ao lugar dos seres humanos em espaços tensionados pelo prenúncio do fim como sinônimo de devastação. A manifestação do que significamos busca explicar-se por meio da ficção como um espelho onde seus dilemas mais profundos se refletem.

Crise e degradação

A leitura da obra de Rubem Fonseca, de um modo abrangente, pode sugerir a condição de um país em franco desenvolvimento de seu potencial, no que se refere ao entusiasmo redentor que o progresso pode conferir à sua condição emergente. Nesse sentido, há que se

pensar acerca do cômputo das coisas que se encontram ao redor da ideia de desenvolvimento, o que por sua vez mostra-se como ponto de partida de uma crise sem precedentes. Isso concorre para que a ela se acrescente o constante agravamento da degradação humana como uma espécie de estágio em odos os níveis da sociedade. Diante disso, *Carne crua* ocupa um lugar destacado no que diz respeito, não apenas à obra de Rubem Fonseca, mas, do mesmo modo, ao que concerne à observação de uma sociedade em convulsão permanente, sendo esta uma situação que tende a ser agravada pela falta de medidas efetivas que possam atuar como um sucedâneo a seus conflitos:

> A ficção brasileira contemporânea está concentrada em solo urbano. E, assim como acontece com as grandes metrópoles, é difícil encontrar um eixo que a defina. Não existe homogeneidade de estilos, no máximo uma afinidade temática – que às vezes pode ser surpreendente. Assim, se os autores da chamada Geração 90 frequentam os mesmos lugares inóspitos que os escritores da periferia – ruas deterioradas, botecos esquálidos, casas traumatizadas pelo desemprego, pela violência e pela loucura -, há uma percepção geral do isolamento e da vulnerabilidade do sujeito moderno (e urbano). (PINTO, 2004, p. 82).

As imagens acerca de uma sociedade em transformação não têm como deixar de espelhar a marca interior do que se materializa no desregramento as personagens de *Carne crua* se remetem como evidências da falta de um sentido que norteie suas atitudes. O conflito diante do qual o leitor se depara, por mais que concorram para violentar seus valores, explicita os rumos de um país em via de chegar à condição de não saber como lidar com o futuro que aproxima de modo tão rápido. Isso parece refletir uma situação que se amplia ao limite das coisas que não podem ser explicadas. Por sua vez, essa falta de explicações capacita *Carne crua* a efetivar revelações que remetem ao lado obscuro do que cada personagem traz à luz da narrativa. O dilema que poderia se apoderar dessas figuras de tinta e papel se mostra suficiente como forma de inviabilizar qualquer sentimento de culpa, uma vez que Rubem Fonseca estabelece em relação a sua obra um distanciamento crítico necessário ao desenvolvimento de sua escrita. Por outro meio, o escritor e sua obra se tornariam inviáveis em suas projeções de efetivo êxito:

> Na ficção contemporânea brasileira, podem-se identificar várias maneiras que dão continuidade à tradição machadiana; mas dificilmente se encontrará, depois de Marques Rebelo e Nelson Rodrigues, outro da envergadura de Rubem Fonseca. Este soube penetrar, com agudo olhar, a complexidade da sociedade carioca, desvelando suas contradições, misérias e grandezas (BARBIERE, p. 104).

A ideia de realidade que se interpõe à ficção como termo relevante interfere de modo decisivo na configuração de uma narrativa que tem em conta o estabelecimento de um

sentido de transgressão que se faz representar no âmbito de seu efetivo surgimento. Nesse sentido, o processo de criação na obra de Rubem Fonseca não tem coo abrir mão do que representam certas posições, uma vez que a perspectiva diante do que se apresenta em um quadro social específico transpõe o limite do que se mostra aceitável, isso concorre para inviabilizar a harmonia responsável pela efetivação de relações sustentáveis. A esse aspecto se contrapõe a descrença em face de ordenamentos sociais que possam concorrer para que certos aspectos tenham efeito a partir da força que contraria essa mesma ordem, ao impor sua pauta e provocar os estragos que se acumulam como sinais do que não possui meios de ser revertido. O estágio de degradação da sociedade em seus vários níveis não permite que a isso corresponda medidas de contensão da violência como termo capaz de diminuir sua ação devastadora:

> Fonseca instala o medo ou o mal no próprio interior da linguagem, cada uma de suas palavras é como uma nota musical arrancada da sinfonia do Mal. A exemplo dos poetas, ele faz as palavras tocarem a borda extrema de seus sentidos. Lendo-o sente-se o poder de dissuasão ou de perversão que até a mais surrada palavra pode comportar. Muito poucos conseguiram, como ele, criar um personagem com dois ou três traços, urgir tramas cujas costuras não se veem (MARTÍNEZ, 2005, p. 10).

A visão do que em *Carne crua* representa a exacerbação de degradação humana especifica-se na medida em que parece fugir ao estereótipo da pobreza como filão exclusivo da violência, sendo essa condição colocada de modo mais abrangente, cabendo à narrativa inventariar os diferentes setores sociais como partes de um mesmo sentido de comportamento. A caracterização da violência como parte integrante do que parece representar uma situação coletiva parra a ser individualizada em vários contos de *Carne crua* como uma instância que se explicita à revelia dos demais. O estado natural do que se mostra a partir de como cada personagem se conduz ao longo da obra induz o leitor a uma indagação acerca da linearidade que se mantém de modo quase idêntico, no que se refere ao desenlace dos contos em sua inteireza, sem a contaminação dos demais. Por esse meio, ainda que alguns contos se mostrem parecidos, cabe a Rubem Fonseca a missão de dar a cada um deles um significado pessoal que os isente de qualquer dúvida acerca da representação que possuem. Nesse aspecto, o escritor parece provisoriamente transferir ao público leitor a responsabilidade em relação ao que possa auferir como julgamento que de se mostras imparcial:

> O sucesso, fato sociológico e estatístico, deve ser relacionado com a situação cultural em que a obra surge. Rubem Fonseca é um maldito que está em moda. Não vende aquilo que o público espera, mas oferece algo que o seu público

> esperava. Representa indivíduos malditos numa linguagem violenta, despida de metaforização (VIEGAS, 1996, p. 132).

A continuidade do que se mostra como parte integrante de um processo que se configura no conjunto de sua obra faz com que *Carne crua* se confirme como uma extensão do que fora o impacto causado por *Feliz Ano Novo* e *O cobrador* com o mesmo nível de intensidade crítica. Há que se pensar, por sua vez, que a manutenção de uma linearidade, a partir da opinião que defendemos, pode ser questionada em razão do que se pode considerar como oscilação, havendo um desequilíbrio no que se refere ao teor de qualidade desses contos. Por essa via, a exaltação às obras do passado diz respeito ao momento político m que *Feliz Ano Novo* e *O cobrador* foram publicados, o que significa um libelo que se serve de uma espécie de estética da violência para se contrapor aos desmandos da ditadura militar. Nesse sentido, o que parece deixar de ter importância no exemplo de *Carne crua* potencializa um significado da realidade que ajuda a tecer a trama de uma narrativa hiper-realista que a outras tantas se agrega, concorrendo para o desvelamento de inquietações e questionamentos não devidamente esclarecidos:

> Ao mesmo tempo havia, nessa literatura, um elemento que radicalizava a expressão das motivações políticas do momento, uma tentativa de compreensão de uma realidade social excluída, que procurava representar a reação da classe média urbana às ameaças criadas pelas crescentes desigualdades sociais: assaltos, sequestros e assassinatos. Nessa perspectiva, a ficcionalização literária da época pode ser compreendida em termos de ressimbolização da violenta realidade emergente dos confrontos sociais no submundo das grandes cidades (SCHOLLHAMMER, 2008, p.63).

Assim, os sucessivos crimes que se podem verificar em *Carne crua* parecem não apenas decretar a morte física como, do mesmo modo, ajudam a sepultar um projeto que que se mostrou em sua plena frustração ao longo do tempo. Há, contudo, que se constatar a derrocada do que foram as utopias de liberdade e satisfação condenadas ao malogro completo. Nesse aspecto, a morte é apresentada pelas mãos do crime, uma vez que cabe ao próprio ser humano aniquilar a vida do seu semelhante. A morte, portanto, do mesmo modo se configura em *Carne crua*, estendendo seu manto de destruições e injustiças, caracterizando-se pela falta de opções para que sua continuidade não seja interrompida pela dinâmica de um mundo no qual cada vez mais existem menos espaços disponíveis ao exercício da satisfação humana. A chave que faz abrir a porta que conduz à absoluta fruição do prazer de viver parece em mãos de alguns poucos detentores desse privilégio. Desse modo, cabe à grande maioria o desconsolo de uma existência que se torna precária em todos os seus níveis, não havendo como a essa situação se faça presente a eficácia de qualquer remédio.

ABSTRACT: The purpose of this article is to detect elements related to eschatology and violence in Rubem Fonseca's tales, base on the collection *Carne crua*, from 2018, his last published work. In this terminal work, the elements tha over time served to characterize Rubem Fonsecas's scope, can be detected, as a writer who brings to light the specter of violence and comes into effect with the advento of post-war industrialization and the umblidled growth of Brazilian urban centers, extending during the military ditactorship and reaching the present as a kind of uncontrollable form. In the sense, *Carne crua* competes as a term capable of mimicking this situation in view of what today is characterized as a literary manifestation known as hyper-realism.

KEYWORDS: hyper-realism; urban violence; social criticism; political crisis.

REFERÊNCIAS

BARBIERE, Therezinha. *Ficções impuras*: prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. *Os crimes do texto*: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. In: *Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane*, vol. 2. 2012.

LAFETÁ, João Luiz. Rubem Fonseca: do lirismo à violência. *Revista Literatura e Sociedade*. USP, 1999.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. A sinfonia do mal. In: FONSECA, Rubem. *64 contos de Rubem Fonseca*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

MICHAUD, Yves. *A violência*. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.

PELLEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. In: *Despropósitos*: ensaios de ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008.

PINTO, Manuel da Costa. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra / Biblioteca Nacional, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). *Ver e imaginar o outro*: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

_____. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SOUZA, Valmir de. Violência e Resistência na Literatura Brasileira. In: *Os sentidos da violência na literatura*. São Paulo: LCTE Editora, 2007.

VIEGAS, Ana Cristina Coutinho. Rubem Fonseca e a difícil arte de criar leitores. Revista Terceira Margem, UFRJ, 1996.